

# Ex-pacientes do IDR temem complicações

*Clima de ansiedade domina os 43 doentes que contraíram hepatite na clínica de Caruaru*

**R**ECIFE — Um clima de ansiedade domina os 43 pacientes que contraíram hepatite tóxica no Instituto de Doenças Renais e se encontram internados no Hospital Barão de Lucena, no Recife. "O estado emocional deles é terrível", depôs o médico nefrologista Mário Henriques de Oliveira Júnior, que trabalha no Hospital Geral de Urgência (HGU), onde 27 desses pacientes estão fazendo sessões de diálise três vezes por semana. "O medo é muito grande, principalmente de uma complicação."

Segundo Oliveira Júnior, os

doentes que apresentam um quadro estável não escondem a preocupação com a possibilidade de um agravamento. E, embora em minoria, alguns com sintomas mais fortes se mostram desesperançados. Segundo o médico, uma mulher entrou em estado depressivo mesmo antes de apresentar um quadro agudo. "Ela dizia o tempo todo que ia morrer", lembra ele. "E morreu."

**Sem temor** — O nefrologista disse que nunca coloca um grupo de doentes graves para fazer a hemodiálise ao mesmo tempo. "Caso contrário não poderíamos atendê-los adequadamente." Observa que os pacientes do HGU não passaram a temer o sistema de diálise depois do episódio de Caruaru. "Eles estão certos de que o proble-

ma foi isolado", comenta. O HGU é um hospital particular que dispõe de 16 pontos de diálise e mantém convênio com o Sistema Único de Saúde (SUS).

"Até antes do carnaval eu era feliz, eu ria", disse Severina Batista Gomes, 55 anos, depois de se submeter a uma sessão de hemodiálise no HGU, na sexta-feira. "Depois me acabei."

Ar desolado, Severina está com a cor da pele amarelada por conta da icterícia característica da hepatite tóxica contraída por quase todos os 126 pacientes do IDR que se submeteram a sessões de hemodiálise entre os

dias 13 e 17 de fevereiro. A água da clínica estava contaminada com uma substância tóxica, biológica ou química ainda não identificada. Das 30 mortes registradas desde o dia 20 de fevereiro até ontem de manhã, mais de 20 morreram por intoxicação.

Severina e seus companheiros transferidos de Caruaru, a 130 quilômetros da capital, estão sendo acompanhados por uma equipe médica da

Secretaria de Saúde no Barão de Lucena. Alguns se encontram em estado mais grave, outros apresentam melhores condições. Todos, segundo ela, vivendo a mesma dúvi-

da em relação ao que lhes vai acontecer.

"Vi quatro pessoas morrerem junto de mim lá no Instituto de Nefrologia de Caruaru (onde passou a fazer hemodiálise depois da interdição no IDR)". Sentia queimar o corpo, vomitava, tinha tonturas, falava com a língua enrolada como se estivesse embriagada, perdeu as forças. "Estava desesperada, só fazia rezar", contou.

Ao lado da irmã Maria José, ela afirmou estar recobrando o ânimo e a esperança. Já não sente tonturas, voltou a falar direito, não vomita como antes. Mas ainda está fraca e meio surda. "Só quero que descubram logo o que intoxicou a gente", torce. Severina é dona de casa e tem seis filhos. Há um ano e meio se submetia a sessões de hemodiálise no IDR.

**D**OENTES  
ACHAM QUE  
PROBLEMA FOI  
ISOLADO